

Aspectos da tecnotextualidade na gestão dialógica de pontos de vista em postagens de Junior Yanomami no X¹

Aspects of technotextuality in the dialogical management of points of view in posts by Junior Yanomami on X

Evandro de Melo Catelão²
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR
evandrocatelao@utfpr.edu.br

Isabel Muniz-Lima³
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
isabel.muniz@fale.ufal.br

RESUMO: Neste trabalho, problematizamos algumas estratégias de tecnotextualidade que podem provocar interatividade e efeitos argumentativos em postagens publicadas pelo ativista Junior Yanomami (@JYanomami) na rede social X. O estudo, de natureza descritivo/interpretativa, objetiva discutir usos tecnodiscursivos em postagens do comunicador indígena a respeito da crise humanitária na terra Yanomami (Brasil). O *corpus* selecionado toma como base dois momentos recentes e distintos na política brasileira: o fim do regime de extrema direita de Bolsonaro e o início do governo progressista de Lula. A pesquisa propõe aproximações entre pressupostos da Linguística Textual (Adam, 2020; Cavalcante et al., 2022), da abordagem enunciativo-interacional (Rabatel, 2017) e da Análise do Discurso Digital (Paveau, 2021). Neste estudo, assumimos um olhar da argumentação pelas instâncias onde podem ser encontradas/delimitadas figuras de elocução e, nesse sentido, propomos aproximações entre reflexões de Paveau (2021) e de Rabatel (2017). Resultados das análises revelaram certo gerenciamento enunciativo identificado, entre outros aspectos, pela observação dos níveis de interatividade (Muniz-Lima, 2024). O uso de recursos de ordem tecnolinguageira (*links*, imagens, marcação de perfis, *hashtags*), convocados tanto por Junior Yanomami quanto por seus interlocutores, contribuiu para um certo tipo de condução ou fortalecimento do projeto argumentativo buscando a adesão dos interlocutores.

Palavras-chave: Gestão dialógica; Pontos de Vista; Argumentação; Interatividade.

ABSTRACT: In this work, we problematize some technotextuality strategies that can provoke interactivity and argumentative effects in posts published by activist Junior Yanomami (@JYanomami) on X. The study, descriptive/interpretive in

¹ Este artigo é um desdobramento de reflexões apresentadas pelos autores em comunicação oral realizada durante o Colóquio “Discours institutionnels et non institutionnels dans l’Amérique Latine”, organizado pela Associação Analyse des Discours de l’Amérique Latine (ADAL) na École de Hautes Études Internationales & Politiques, em Paris/França, em 2024.

² Professor Adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Membro do grupo de pesquisa Protexito (UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL (UTFPR).

³ Professora Adjunta na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Membro dos grupos de pesquisa Protexito (UFC), Getel (UFAL), Gramática & Texto (CLUNL) e Gedeall (UFAL).

nature, aims to discuss technodiscursive uses in posts by the indigenous communicator regarding humanitarian crisis in Yanomami land (Brazil). The selected corpus is based on two recent and distinct moments in Brazilian politics: the end of Bolsonaro's far-right regime and the beginning of Lula's progressive government. The research proposes approaches between assumptions from Textual Linguistics (Adam, 2020; Cavalcante et al., 2022), the enunciative-interactive approach (Rabatel, 2017) and Digital Discourse Analysis (Paveau, 2021). In this study, we take a look at the argumentation through the instances where figures of speech can be found/delimited and, in this sense, we propose approximations between the reflections of Paveau (2021) and Rabatel (2017). Results of the analyzes revealed a certain enunciative management identified, among other aspects, by observing the levels of interactivity (Muniz-Lima, 2024). The use of techno-linguistic resources (*links*, images, profile marking, *hashtags*), called upon by both Junior Yanomami and his interlocutors, contributed to a certain type of conduct or strengthening of the argumentative project, seeking the support of the interlocutors.

Keywords: Dialogical management; Viewpoints; Argumentation; Interactivity.

Introdução

A crise Yanomami em território brasileiro voltou a ser tema de debate público, atualizando-se em discussões nas redes sociais, após a denúncia dos milhares de casos de indígenas com malária em 2022 e o registro de 99 mortes de crianças nesse ano. A difusão de notícias sobre os graves sinais de desnutrição e de propagação de diferentes doenças, sobretudo verminoses, potencializou a discussão sobre a situação desse território de cerca de 30 mil habitantes⁴. Além disso, o desprezo com que o governo de extrema direita do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro encarou, à época, as questões dos povos originários, aplicando cortes de recursos para a saúde indígena, e o apoio dado aos milhares de garimpeiros que atuam na região⁵, concedendo terras para exploração de minerais, alimentaram um sentimento de revolta na população de um modo geral, e, sobretudo, em ativistas e lideranças indígenas. Por sua vez, em 2023, com a chegada de um governo progressista liderado por Lula, houve a implantação de um decreto de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional referente à crise de saúde dos povos Yanomami, o que acabou sendo visto como um alento à emergência dos indígenas. Com isso, essas mesmas lideranças indígenas passaram a sinalizar, no debate público, apoio ao governo lulista e um sentimento de esperança frente à situação emergencial de saúde dessa região amazônica brasileira.

Nesse contexto, as redes sociais serviram de “janela de oportunidade” (Tarrow, 1994) para que, valendo-se das características do enunciador digital e da escrita digital (Paveau, 2021), os interlocutores pudessem ratificar e disseminar seus pontos de vista (PDVs) em relação ao modo de gestão da crise sanitária nos diferentes momentos políticos vivenciados no Brasil no fim de 2022 e no início de 2023. Não só no caso dos povos Yanomami no Brasil, mas também em outros povos indígenas da América Latina, a retórica de defesa do meio ambiente e do território dessas comunidades tem mobilizado jovens ativistas na esperança de preservar o planeta e lutar pelos direitos dos indígenas. Ao se apropriarem do formato da tecnodiscursividade, os sujeitos encontram novas maneiras de se expressar e efetivar seu discurso, organizando-os conforme suas intenções.

A Linguística Textual brasileira, sobretudo aquela desenvolvida no grupo de pesquisa Prottexto, entende os “discursos” como usos do texto e parte do princípio de que todo texto é

⁴ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2023/01/entenda-a-criese-de-saude-yanomami-que-levou-o-governo-a-decretar-emergencia.shtml>

⁵ Fonte: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/01/24/territorio-yanomami-tem-28-mil-indigenas-e-foi-tomado-por-mais-de-20-mil-garimpeiros-no-governo-bolsonaro.ghtml>

atravessado por formações discursivas: “Assim, para a linguística textual, todo discurso em uso é acomodado em algum texto, mas, para que se identifique um texto, carece considerar a unidade de comunicação e de sentido em contexto que o constitui” (Cavalcante, 2024, p. 284). Vale mencionar que a Linguística Textual tem se voltado para a análise da textualidade digital, entendendo, com Paveau (2021), que os estudos dos ecossistemas da Web em nossa disciplina mereciam uma visão mais ampliada, que evidenciasse, em suas análises, a relação híbrida entre linguagem e tecnologia. Em resposta à afirmação da linguista francesa em 2017 (ano da publicação original da obra a que nos referimos) foram desenvolvidos, nos últimos anos, diferentes trabalhos que relacionam texto, discurso e interação numa perspectiva pós-dualista, ou seja, que se volta para observar os textos nativos digitais a partir de uma visão ecológica ou integrada entre homem e máquina.

A título de exemplificação desses estudos, mencionamos as pesquisas de pós-graduação desenvolvidas por Muniz-Lima (2022), Costa (2023), Daldegan (2023), Fernandes (2023), Glück (2024) e Martins (2024), para citar apenas alguns exemplos, além dos inúmeros capítulos de livro e artigos publicados (Duarte; Muniz-Lima, 2020; 2021; Cavalcante; Muniz-Lima, 2021; Gonçalves; Muniz-Lima, 2021; Muniz-Lima; Catelão, 2023; Muniz-Lima; Catelão; Pinto, 2023; Muniz-Lima; Glück; Gonçalves, 2023; Lima; Muniz-Lima; Martins, 2023; Ciulla et al., 2024). Ainda, em Cavalcante et al. (2022), os autores apresentam reflexões atuais sobre categorias fundamentais da Linguística Textual, como referenciação, intertextualidade, argumentação, heterogeneidades enunciativas, gêneros, entre outras, com vasto *corpus* advindo do contexto digital e abordagem analítica compósita.

Entendendo a importância de refletir sobre os discursos de comunidades indígenas em textos nativos digitais é que, neste trabalho, buscamos evidenciar de que modo o ativista Junior Yanomami e seus interlocutores se valem de estratégias da tecnotextualidade, como a polifonia enunciativa, a trolagem e a prática computextual, para provocar interatividade e efeitos argumentativos. O estudo de natureza descritivo/interpretativista problematiza, particularmente, as argumentações a respeito da crise humanitária na terra indígena Yanomami (Estado de Roraima) após um regime de extrema direita no Brasil pela observação de dois momentos. Esses momentos serão analisados através de duas postagens: uma realizada durante o governo de extrema direita e outra, após a troca presidencial para um regime progressista. Questionamos, assim, de que maneira o ativista e comunicador indígena Junior Yanomami (@JYanomami) e seus interlocutores se valem das possibilidades da tecnotextualidade no X para a interatividade e a gestão dialógica de pontos de vista (doravante PDVs) sobre a grave situação humanitária do Povo Yanomami no Brasil.

Neste trabalho, propomos um estudo interdisciplinar, aproximando postulados teóricos que, a nosso ver, colaboram para uma análise integrada de aspectos linguageiros e tecnológicos no âmbito da Linguística Textual. Sendo assim, utilizamos alguns conceitos provenientes da Análise do Discurso Digital (Paveau, 2021), como a noção de escrita e enunciador digital. Além disso, nos amparamos em pressupostos da Linguística Textual (Cavalcante et al., 2022; Adam, 2020) na observação por uma análise por níveis ou componentes do gênero do discurso. Pretendemos, neste estudo, discutir a possibilidade de emprego da noção de enunciador textual/digital tendo em vista uma abordagem também enunciativa (Monte, 2023; Rabatel, 2017). Interessa-nos, em especial, relacionar noções como as de imputação do dizer e *prise en charge* (PEC) no sentido de observar se há ou não condução hierarquizante do PDV (acordo ou dissenso).

A organização deste trabalho se dá em quatro partes: na primeira, discutimos sobre a argumentação e a construção do PDV; na segunda, refletimos sobre interatividade, enunciador digital e escrita digital; na terceira parte, apresentamos metodologia, análise e discussões; e, por fim, desenvolvemos algumas considerações finais sobre esta pesquisa.

Argumentação e construção do ponto de vista

As pesquisas mais atuais em relação à argumentação tem se mostrado cada vez mais ligadas a um direcionamento discursivo. Ao nos vincularmos às teorias do texto, tomamos na maioria das vezes um caminho de interdisciplinaridade, entendendo o texto como um objeto de estudo que, como evento comunicativo e uma unidade de sentido em contexto (Cavalcante et al., 2022), no processo de geração de sentidos, passa a comportar também todo o contexto social nele envolvido. Estamos, assim, considerando que a geração de sentidos é tributária não só do que aparece expresso na superfície do texto, como também ao espaço onde um texto acontece (ambiente ecológico), as reações humano-tecnológicas e objetos de discurso coconstruídos na interação, além dos valores e conhecimentos compartilhados. Vemos, assim, a argumentação por uma dimensão alargada que não compreende só aspectos composicionais presentes, por exemplo, em uma sequencialidade, como também a forma como os dados de discurso se dão a representar, seu uso e a responsabilidade dos locutores/enunciadores sobre o que é dito, ou mesmo as potencialidades argumentativas direcionadas no projeto de dizer.

Apesar dessa amplitude, em linguística de texto, autores propuseram em suas teorias certas delimitações que asseguram uma visão ligeiramente entrelaçada desses elementos.

Adam (2020), por exemplo, aborda a emergência da argumentação em diferentes níveis analíticos, próprios para o tipo de análise que vemos realizadas especialmente no Brasil, onde os pesquisadores costumam tomar nas análises uma perspectiva textual/discursiva. Não detalharemos a pesquisa do autor, mas nos apoiaremos em parte em seu modelo de análise, uma vez que temos o interesse particular de visualizar, em um *corpus* nativo digital, efeitos de sentido provenientes da dimensão enunciativa, ou melhor dizendo, da gestão do PDV nesses textos. De forma resumida, a dimensão enunciativa aparece no trabalho de Adam (2020) ligada ao nível textual de análise enunciativa (responsabilidade enunciativa) e é ainda apresentada junto ao conceito da unidade mínima de sentido, a proposição-enunciado⁶. Uma proposição-enunciado vincula-se tanto a uma *prise en charge* (doravante PEC)⁷ enunciativa do PDV quanto à representação discursiva, ou seja, o conteúdo referencial ou as formas de representação dos elementos que são escolhidos para fazer parte de um dado discurso/texto, além das potencialidades argumentativas que essas escolhas podem orientar no interlocutor (valor ilocucionário das proposições).

Mesmo que apresentada de forma resumida, a responsabilidade enunciativa e a PEC são noções importantes, uma vez que carregam junto de si outras noções vinculadas a um quadro interacional, como sua correspondência direta com a noção de PDV, assumido/imputado por um locutor/enunciador principal, o produtor do texto. A própria completude do sentido de um enunciado passa assim a depender tanto do modo como ele é representado, isto é, do gerenciamento feito pelo produtor empírico do texto quanto pelo tema ou objeto tratado, o qual deverá aparentar certa validade. Considerando que o discurso é enredado de conteúdo e forma, tal estrutura permite um pensar metalinguístico, isso significa que existe uma reflexão e uma mobilização de estratégias do locutor/enunciador primeiro (quem produz o texto) para colocar-se ou não, autoralmente, no enunciado que profere.

Nesses limites, assumimos neste estudo um olhar da argumentação pelas instâncias onde podem ser encontradas/delimitadas as figuras de elocução. cremos, assim, que a abordagem enunciativo-interacional de Rabatel (2017) contribui de forma significativa para essa compreensão, especialmente por sua visão alargada da noção de PDV, bem como de responsabilidade enunciativa, situada também no campo da ética (Cortez; Catelão, 2022). Rabatel (2017) considera que o PDV é uma unidade de difícil definição uma vez que dela

⁶ Unidade mínima no estudo dos componentes textuais e produto de um ato de enunciação, uma microunidade sintática e de sentido, compreendendo três dimensões complementares: referência como representação discursiva, *prise en charge* enunciativa/ponto de vista e valor ilocucionários/orientação argumentativa (Adam, 2020).

⁷ Usaremos o termo em francês conforme apresentado por Adam (2020, p. 103), ou mesmo Rabatel (2017). Uma tradução mais usual para o termo seria *assunção de responsabilidade enunciativa*.

também emergem relações provenientes de teorias semânticas, nas quais as questões sobre o PDV envolvem tratar do léxico e de valores enunciativos, o que faz com que ele defenda uma concepção pragma-enunciativa, textual e discursiva do PDV. Desse modo, o autor apresenta a seguinte definição de PDV:

Defino como ponto de vista (PDV), em linguística, todo enunciado que predica informações sobre qualquer objeto do discurso, fornecendo não apenas informações sobre o objeto (relacionadas a sua denotação), mas também sobre a maneira pela qual o enunciador considera o objeto, expressando assim um PDV. O tema do PDV pode ser um indivíduo, uma coletividade, um anônimo, podendo expressar PDVs singulares ou coletivos, originais ou estereotipados⁸ (Rabatel, 2017, p. 43, tradução nossa).

A noção de PDV do autor nos é importante, uma vez que apresenta uma relação que podemos fazer entre enunciação/argumentação. Em outras palavras, podemos dizer que manifestamos um PDV, mesmo que nosso texto não tenha necessariamente uma visada argumentativa⁹ (convencer/persuadir). Desse apanhado, as instâncias da enunciação, as figuras do locutor e do enunciador e interlocutor recebem um estatuto importante no estabelecimento de análises no campo do texto e do discurso. Segundo Rabatel (2009), tal distinção é proveniente da discussão operada por Ducrot em que o locutor (L) corresponderia ao produtor físico do enunciado, enquanto o enunciador (E) seria o equivalente à instância que está na origem de um PDV, o qual não necessariamente se expressa por meio de palavras. Em termos analíticos, L1/E1 seria a representação de um sincretismo entre o locutor e enunciador primeiro, enquanto l2/e2 corresponderia ao sincretismo locutor e enunciador segundo. Da mesma maneira, quando o PDV for expresso de uma forma linguística identificável, o uso seria l2/e2, mas quando não houver uma indicação de fala, mas sua perspectivação por L1/E1, teríamos e2, e3, e4, para a marcação das vozes que possam ser relatadas em um dado texto.

Essas noções abrem caminho para a polifonia, assim como também encaminha Adam (2020). Segundo o autor, a PEC ou o PDV expresso permitem discutir desdobramentos polifônicos ou mesmo da heterogeneidade dos textos, como também certas posturas enunciativas que, como veremos, no contexto digital aparecem também ligadas a um tipo de hibridação entre instâncias humanas e não humanas (Paveau, 2021). A respeito dos

⁸ No original: “Je définis comme point de vue (PDV), en linguistique, tout énoncé qui prédique des informations sur n’importe quel objet du discours, en donnant non seulement des renseignements sur l’objet (relatifs à sa dénotation), mais aussi sur la façon dont l’énonciateur envisage l’objet, exprimant ainsi un PDV. Le sujet du PDV peut être un individu, un collectif, un anonyme, et il peut exprimer des PDV singuliers ou collectifs, originaux ou stéréotypés”.

⁹ Noção que tomamos de Amossy (2018): visada argumentativa corresponde ao discurso que tem a intenção de persuadir para a adesão à tese e dimensão aquela que tem a função de apenas mudar as formas de ver e de sentir.

desdobramentos polifônicos, coadunamos com a visão de Monte (2023) ao afirmar que Rabatel tem por base mostrar que L1/E1 articula, com muita frequência, diferentes PDVs, alguns dos quais ele assume (PEC) ou mesmo imputa a outros I2/e2 ou a si mesmo em uma relação paralela.

É nesse sentido que Rabatel (2017) delimita marcadores por considerar a responsabilidade enunciativa em uma perspectiva ampla, delimitando que na PEC, L1/E1 pode focalizar, ampliar, retificar, confirmar ou ainda negar um PDV. Para o autor, “as escolhas de referência e organização da predicação não têm apenas um valor referencial objetivo, mas também uma dimensão subjetiva e argumentativa que orienta a interpretação do CP [conteúdo proposicional], com base em instruções ou restrições de texto”¹⁰ (Rabatel, 2017, p. 45, tradução nossa). Nesse sentido, PEC, *quasi-PEC*¹¹, levar em consideração e imputar seriam também formas analíticas de observação de índices de responsabilidade enunciativa marcados linguisticamente. Não é nosso objetivo explorar todas essas noções no presente trabalho, contudo, acreditamos que sua descrição seria pertinente para o encadeamento de um quadro analítico do nosso *corpus*.

Nesses limites, para Rabatel (2017), a PEC refere-se à esfera de assunção da responsabilidade plena por L1/E1 de um PDV, uma vez que ela se manifesta no discurso como um dizer assumido ou um “AutoPDV”. Assim, a existência de instâncias de enunciação (L1/E1 e I2/e2 ou e2) possibilita que também haja uma *quasi-PEC*, na qual L1/E1 reduz sua responsabilidade, deixando margem para incerteza sobre a responsabilidade de e2 ou não se comprometendo totalmente com o enunciado. Ou ainda, L1/E1 atribui PDV a segundos enunciadores, mesmo que eles não tenham dito nada, ou mesmo a uma imagem criada de E1 (delimitada como E1’). Nas palavras do autor, E’ é evocado no momento que E1 parece “dialogar” consigo mesmo, evocando PDV ditos anteriormente, seja para ratificá-los, rejeitá-los ou levá-los em consideração (Rabatel, 2017). Por outro lado, a noção de imputação está relacionada ao **acordo** e ao **desacordo** em uma dada enunciação, ou seja, seria a partir da imputação do dizer que essas noções fariam sentido, pois ao imputar um dizer podemos manifestar nossa posição em relação aos discursos dos outros. Por fim, o levar em consideração (*prise en compte*), seria para o autor, como o próprio nome sugere, incorporar

¹⁰ No original: “[...] les choix de référencement et d’organisation de la prédication n’ont pas qu’une valeur référentielle objective, ils ont une dimension subjective et argumentative qui oriente l’interprétation du CP, sur la base des instructions ou des contraintes du texte”.

¹¹ “propomos considerar a noção de ‘quasi-PEC’ para os enunciadores segundos aos quais podemos atribuir PDVs mesmo que não tenham dito nada” - “nous proposons de prendre en considération la notion de ‘quasi-PEC’ pour les énonciateurs seconds auxquels on peut imputer des PDV alors qu’ils n’ont rien dit (Rabatel, 2009, p. 85). A *quasi-PEC* seria o ato de atribuir um PDV a uma fonte.

PDVs de outros em uma dada fala, sem se pronunciar sobre sua verdade. Seria diante desses “heteroPDV” que L1/E1 também pode manifestar sua concordância, discordância ou levar um PDV em consideração sem necessariamente se posicionar a respeito deles, nesse último caso (Monte, 2023).

Assim, não seria por acaso a emergência de outra categoria analítica, a da **consonância** e **dissonância**, ou seja, de elementos do implícito, que ocorre de forma mais visível em unidades superiores às da proposição¹², os textos. A PEC muda assim de sentido, para Rabatel (2017), quando observamos o texto como um todo. No texto ela se torna uma unidade mais ampla, a responsabilidade enunciativa¹³. Rabatel (2017) reforça que seria no nível textual (contemplando aspectos textuais/discursivos) que a emergência da consonância/dissonância é melhor revelada e onde a PEC muda sua natureza para responsabilidade enunciativa¹⁴. Em resumo, poderíamos chegar aos seguintes tipos de manifestação da PEC: a PEC explícita no caso de **acordo**, **desacordo** ou **levar em conta** e a PEC implícita, quando se faz uso do recurso da **consonância** e da **dissonância**. Passaremos agora para uma abordagem do discurso digital com o objetivo de destacar alguns aspectos importantes em nossa análise.

Interatividade, enunciador digital e escrita digital

Desde o desenvolvimento da pesquisa de Muniz-Lima (2022), a noção de interatividade tem sido bastante explorada no campo da Linguística Textual (Muniz-Lima; Fernandes, 2023; Muniz-Lima; Catelão; Pinto, 2023; Lima; Muniz-Lima; Martins, 2023; Muniz-Lima; Glück; Gonçalves, 2023; Muniz-Lima; Catelão, 2023). Ao refletir sobre a noção de texto como evento comunicativo, Cavalcante et al. (2022) enfatizam que um texto, apresentado em qualquer gênero, é elaborado “com certos objetivos de provocar uma interatividade” (p. 16). Com base nesse princípio norteador, nosso objetivo é evidenciar de que maneira características do enunciador digital e da escrita digital podem estar relacionadas a esse tipo de provocação.

¹² Usamos proposição em vez de enunciado por uma associação analítica com o modelo de Adam (2020), no qual a proposição-enunciado seria uma unidade de sentido mínima, como tratamos em nota de rodapé anterior.

¹³ Assim como vemos representada na obra de Adam (2020) em seu esquema de níveis ou patamares de análise textual

¹⁴ Usando um exemplo do autor, uma carta do leitor, podemos observar o emprego da antítese de PDV em “Antes, tínhamos ‘guardiães da paz’. Hoje, temos ‘forças da ordem’”. Nesse exemplo, seria pelo contexto que as duas expressões marcadas entre aspas simples assumiriam um sentido maior “autoridade de repressão” e “autoridade de segurança”.

A interatividade é um fenômeno que “se revela pela participação-ação dos interlocutores através de gestos tecnolinguageiros” (Muniz-Lima; Catelão, 2023, p. 30) – isto é, gestos alusivos tanto ao uso dos sistemas semióticos escrito, oral, imagético, sonoro, gestual, quanto à interferência da máquina. Em contexto digital, o objetivo de tais atitudes híbridas ou compósitas (tecnológico + linguageiro) seria o de potencializar a capacidade dos interlocutores de “mesmo que ilusoriamente, manipular os conteúdos” e, assim, “exercer algum nível de controle sobre aquilo que é produzido” (p. 30). Além disso, a interatividade é considerada um fenômeno que envolve as possibilidades dos interlocutores de “efetuar trocas conversacionais” e “na maior velocidade possível” (p. 30). Interessa-nos, portanto, verificar de que maneira Junior Yanomami e seus interlocutores se valem de estratégias tecnolinguageiras, próprias do ecossistema X, onde foram feitas as postagens, para aumentar os níveis de engajamento efetivo da interação, revelando, com isso, diferentes PDV em relação à crise de saúde do povo indígena Yanomami.

Não raro, os processos de produção de sentido resvalam nas questões de polifonia enunciativa, ou seja, usando termos bakhtinianos e ducrotianos, no atravessamento de vozes dentro dos textos/discursos. Nessa observação, interessa-nos analisar de que maneira as características do enunciador digital e da escrita digital (Paveau, 2021) colaboram no processo de construção de sentidos em postagens sobre essa problemática realizadas no perfil @JYanomami no X em dois momentos distintos da política brasileira recente. Antes, porém, destacamos alguns aspectos das noções de enunciador digital e escrita digital sugeridas em Paveau (2021). Ambas as noções dizem respeito aos textos produzidos com as ferramentas on-line e que circulam nesse mesmo ambiente, sem existência, portanto, fora da Web 2.0. Para Paveau (2021), os enunciadores digitais “não são figuras transportadas nem adaptadas dos universos não digitais para os universos digitais, mesmo se suas produções discursivas ecoem evidentemente discursos sociais já conhecidos e, às vezes, bem antigos” (p. 163), como as constantes discussões em torno da situação da terra indígena Yanomami.

Ao caracterizar o enunciador digital, a analista do discurso francesa apresenta um conjunto de características estereotipadas dessas figuras. Interessa-nos aqui destacar que esses enunciadores costumam produzir textos/discursos normativos e corretivos¹⁵, com o objetivo de criticar o menor deslize de determinados interlocutores e, imediatamente, ridicularizá-los e difundir esses erros nos diferentes ecossistemas on-line (Paveau, 2021, p. 168). Outro aspecto relevante do que a autora define como enunciador digital tem relação com um tipo de

¹⁵ Como é o caso do Grammar Nazi, mencionado pela autora (Paveau, 2021, p. 167).

interlocutor que objetiva minar as conversas intervindo nas trocas conversacionais com conteúdo maléfico¹⁶. Esses enunciadores digitais postam “mensagens para confundir ou enganar os participantes de uma conversação de maneira a miná-la ou destruí-la” (p. 171). O objetivo desse tipo de enunciador digital é, com base “na sua própria diversão”, “professar ou transmitir intenções pseudo-sinceras” (p. 173) com a intenção de provocar alvoroço e inflamar conflitos. Sendo esse também uma figura de locução, apesar da autora não tratá-la em termos enunciativos, poderíamos cotejá-la de características próximas ao que definimos anteriormente como um E1, instância que está na origem do PDV, salvo elementos tecnolinguageiros de distanciamento de um L1 (produtor do enunciado) próprios do ecossistema digital ou mesmo de delimitação do PDV, uma vez que um PDV não necessariamente é expresso por palavras. Acreditamos, assim, que um PDV pode estar contido também em outros recursos como os multissemióticos e os tecnolinguageiros, os quais pretendemos observar em nosso *corpus*.

A participação desses tipos de enunciadores digitais se relaciona diretamente a toda forma de escrita on-line, contribuindo, muitas vezes, por suas características discursivas, para o aumento da ciberviolência. Paveau (2021) considera a escrita digital como “uma produção escritural em um dispositivo de informática, em ambiente conectado ou não, que implica traços gráficos, linguageiros e discursivos específicos devido à conversão digital” (p. 179). De acordo com a linguista francesa, essas formas de escrita e leitura são marcadas por restrições técnicas (formatação e natureza compósita dos elementos linguageiros) que apresentam características discursivas, enunciativas e semióticas (deslinearização, ampliação, hibridação) e que têm propriedades discursivo-comunicacionais particulares (investigabilidade, imprevisibilidade, disseminação)” (Paveau, 2021, p. 180), muitas vezes difíceis de serem observadas em uma perspectiva enunciativa.

A escrita digital apresenta diferenças de dimensão corporal em relação à escrita fora do ambiente conectado à internet. Em contexto digital, como evidencia a autora, somos levados a utilizar diferentes suportes – a exemplo do teclado – como ferramenta de digitação e passamos a elaborar os textos de modo plural, no que a autora apresenta como polifonia enunciativa, na qual diferentes instâncias (humano e máquina) se valem de diferentes sistemas semióticos para a construção de sentidos – o que, para a linguística textual – só confirma o caráter multimodal e único do texto. Nesses limites, essas instâncias nos parecem úteis na

¹⁶ Caso evidente na figura definida pela autora como Troll (Paveau, 2021, p. 170).

medida em que podemos avançar para outros aspectos analíticos como para a dimensão da escrita digital ou propriamente da enunciação editorial (Paveau, 2021).

Além desses aspectos, Paveau (2021) descreve uma característica fundamental da escrita digital, explorada por Emanuël Souchier, que diz respeito a sua dimensão social. De acordo com o que apresenta a analista do discurso, essa dimensão, nomeada como “computextual”, seria uma face da escrita digital de incorporação ou de ancoragem das produções nativas digitais a contextos da vida do locutor. Esse aspecto se evidencia, como veremos, nos textos-fonte publicados por Junior Yanomami, que, além de ativista da causa indígena, é um membro da comunidade Yanomami.

Esse tipo específico de escrita, próprio do contexto digital, portanto, apresenta dois traços fundamentais: “a dimensão compósita” (evidenciada no uso de *hiperlinks*, *hashtags*, URLs) e sua “natureza relacional” (Paveau, 2021, p. 191), que se manifesta em diferentes níveis, seja pela relação de um tecnotexto com outro pelos *links*, seja pela relação com a máquina ou pela relação intersubjetiva entre esses interlocutores/escritores/escrileitores¹⁷.

Na seção seguinte, buscamos descrever e analisar, a partir da observação de diferentes recursos da tecnotextualidade, a exemplo das características do enunciador digital e da escrita digital explicitadas, como esses recursos geram maiores níveis de interatividade e, em paralelo, orientam e restringem os PDV dos interlocutores.

Análise e discussão: instâncias de acordo e desacordo em interações digitais

Neste trabalho, adotamos a pesquisa qualitativa de caráter exploratório e interpretativista. Assim como Glück e Giering (2024), Ciulla, Silva, Pinto e Cortez (2024) e outros pesquisadores que fazem interface entre Linguística Textual e análise do discurso digital, selecionamos um “instante discursivo” dentro da dinamicidade do ecossistema X, seguindo a proposta de Moirand (2020), para, com a análise destes pequenos corpora, extraídos a partir de captura de tela, descrever e analisar as características da tecnotextualidade que interessam aos nossos objetivos. Buscando uma análise que se quer pós-dualista, enfatizamos, ao longo desta investigação, tanto a descrição e interpretação de aspectos linguageiros quanto tecnológicos, entendendo a relação intrínseca entre essas características nos textos nativos digitais. Os dados de análise foram gerados a partir de duas

¹⁷ Outros aspectos da noção de Relacionalidade podem ser verificados em Paveau (2021, p. 311).

postagens realizadas no perfil @JYanomami no ecossistema X: uma postagem datada do dia 30 de abril de 2022¹⁸, ano final do governo Bolsonaro; e a outra foi publicada em 20 de janeiro de 2023¹⁹, no início do governo Lula.

O primeiro post (Exemplo 1) denuncia a ação de garimpeiros em terra Yanomami e o segundo (Exemplo 3) faz um elogio à visita de Lula e a ministra Sônia Guajajara na comunidade indígena Yanomami:

Exemplo 1 - Postagem iniciadora de 30 de abril de 2022



Fonte: @JYanomami no X.

A primeira postagem é organizada com um texto-fonte composto de legenda verbal, *hashtags* e um vídeo. Durante a realização da cópia de tela, a postagem apresentava 14 comentários, sendo 2 “promovidos”, ou seja, são anúncios publicitários impulsionados por algoritmos. Para esta análise, optamos por uma apresentação dos *posts* e na análise concentrada nos 12 comentários realizados pelos interlocutores sobre os assuntos motivados pela postagem inicial de Junior Yanomami. Estes comentários foram numerados de 1 a 12 para facilitar nossa análise.

Inicialmente, destacamos o modo como a postagem iniciadora de @JYanomami na data de 30 de abril de 2022 e na de 20 de janeiro de 2023 são construídas. Na primeira

¹⁸ Link de acesso para visualização da postagem no X: <https://twitter.com/JYanomami/status/1520425668021993475>

¹⁹ Link de acesso para visualização da postagem no X: <https://twitter.com/JYanomami/status/1616523523064987648>

(Exemplo 1), o L1/E1 se vale de figuras de linguagem, como a hipérbole (“A floresta está derramando rios de sangue”) e a metáfora para contrapor os referentes “povo indígena” (“donos da terra”, “verdadeiros donos” e “povos da floresta”) e “Garimpeiro” (“se tornaram donos da terra”) e, assim, sinalizar seu PDV de crítica em relação à invasão de mineradores em terras Yanomami. Do ponto de vista enunciativo, nessa postagem, L1/E1, em tom de denúncia, ou seja, com visada argumentativa, introduz uma PEC que mobiliza desacordo em relação à exploração das terras indígenas pelos garimpeiros. O uso da metáfora “rios de sangue” junto da imagem de um rio tomado por garimpeiros contribui para o direcionamento do PDV em duas direções: o sofrimento da floresta/dos povos indígenas pelos sinais de desequilíbrio ambiental, ou mesmo a morte causada por esse desequilíbrio, e a perda da posse da terra pelo garimpo. Ainda “para se manter em silêncio”, parece expor parte do PDV de um e2 (governo) a respeito do negacionismo ou mesmo da falta de políticas públicas para o combate às práticas de garimpo, desmatamento, entre outras, em terras indígenas. Essa constatação é observada também pelo uso das *hashtags* #SOSYanomami e #foragarimpo, que, nesse contexto, colaboram para demarcar o PDV do ativista indígena em relação ao tema, recurso que corrobora a aproximação das teorias propostas neste trabalho. Como observam Muniz-Lima e Catelão (2023), “as *hashtags* parecem funcionar como mecanismos de atualização de referentes, introduzindo um objeto de discurso que, nas práticas sociais, serão retomados e (re)categorizados de diferentes formas” (p. 33). O enunciador digital, revela-se, assim, tanto como uma instância nascida na rede como também uma instância onde os PDVs parecem ser gerados também a partir dos usos dos recursos tecnolinguageiros.

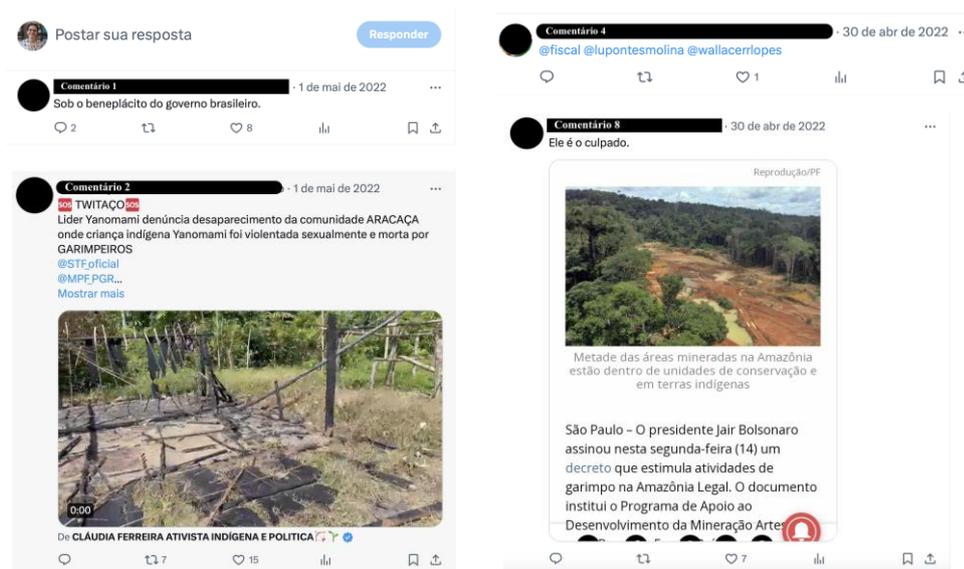
Além desse importante recurso tecnolinguageiro de aumento dos níveis de interatividade, nessa postagem, o ativista indígena agrupa um vídeo de 58 segundos com imagens aéreas e terrestres de parte da terra Yanomami mostrando o desmatamento de parte da floresta e os acampamentos instalados por garimpeiros em território indígena. O áudio do vídeo é composto de música instrumental, gerando um efeito patêmico. O uso desses recursos juntos colabora para aumentar o potencial da postagem de atingir mais interlocutores, o que se confirma no alto índice de compartilhamentos deste tuíte (502 até o momento da captura de tela) e de curtidas (1.000 reações até o momento de captura de tela). A tentativa de aumento dos níveis de interatividade nessa primeira postagem pode revelar o propósito de L1/E1 de não apenas denunciar a situação crítica da terra Yanomami, mas também de fazer crítica ao

governo Bolsonaro que, à época, se omitiu em relação a essa problemática, reforçando e mantendo silenciada, na realidade, a ação do garimpo nesses territórios.

Usando os dados a respeito da postura enunciativa, percebemos que esse uso tecnolinguageiro parece agir também como um implícito em dissonância. O sentido observado no post direciona, ao nosso ver, um desacordo implícito em relação ao PDV de um e2, o então governo de extrema direita, marcado pelo abandono e/ou políticas de incentivo à posse e exploração de terras indígenas. A *hashtag* assim como o vídeo e o áudio contribuem ao impulsionamento desse PDV de maneira implícita e colaboram à argumentatividade e à interatividade. Vistas neste plano compósito/textual são parte da responsabilidade enunciativa de L1/E1, assim como apresenta Rabatel (2017).

Em relação a todos os comentários coletados, os comentários 1, 2 e 8 são os que mais se alinham a esse propósito e recebem certo engajamento dos interlocutores revelado pelo número de curtidas (8, 15 e 7, respectivamente):

Exemplo 2 - Comentários 1, 2, 4 e 8 na postagem de 30 de abril de 2022



Fonte: @JYanomami no X.

Destacamos que, no Comentário 1, o locutor se vale igualmente do uso de tecnopalavras – desta vez, além das *hashtags* (#SOSYanomami e #JustiçaPorPriscilaPataxó), faz-se uso do recurso do @, isto é, da marcação dos perfis @STF_oficial, @MPF_PGR, @GreenpeaceBR, @JYanomami – e de um vídeo de 18 segundos com imagens de moradias da comunidade Aracaça destruídas por garimpeiros. A nosso ver, temos aqui um tipo de

engajamento ao PDV presente na postagem iniciadora, o elo da interatividade presente no X possibilita que outros locutores enunciativos (comentaristas) entrem com seus PDVs e manifestem seus posicionamentos, nesse caso, 2 e 3, a fim de convocar determinados interlocutores para se posicionarem diante dos fatos apresentados e da discussão. Acreditamos que a *hashtag* (#) e a marcação (@) parecem assim ocupar também um local de atribuição de PDV, uma vez que esses enunciativos se mostram em acordo com o PDV de @JYanomam, como também delimitam # e @ em fusão heterodialógica (@JYanomam disse que estão sendo invadidos e massacrados e eu concordo plenamente com ele). Assim, o tipo de marcação também parece envolver, de um lado, instâncias validadoras de “atendimento ao socorro”, uma vez que não aparecem @ referentes ao Governo, ao Ministério da Justiça ou outras filiadas aos grupos de direita na época da publicação. O mesmo acontecerá no Comentário 4, L1/E1 faz um comentário convocando dois perfis com alto número de seguidores – @lupontesmolina (antropólogo e defensora dos direitos indígenas, com 31,9 mil seguidores) e @wallacerrlopes (agente federal do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis – IBAMA –, com 22,7 mil seguidores) – na tentativa de fazê-los participar da discussão e compartilharem a postagem de Junior Yanomami em seus perfis, cujo alto número de seguidores poderia vir a engajar ainda outros interlocutores, influenciando, assim, mais modos de ver, pensar e sentir.

Em relação à segunda postagem (Exemplo 3), L1/E1 organiza seu texto inicial com uma legenda e uma imagem estática de Lula e da ministra Sônia Guajajara. Este post havia gerado, até o momento da captura de tela, 6 comentários (dentre esses, 1 anúncio publicitário “promovido”). Do mesmo modo, optamos por analisar os 5 comentários realizados em relação às discussões fomentadas pelo ativista indígena em sua postagem iniciadora. Esses comentários foram numerados de 13 a 17 de modo que pudéssemos apresentar com mais clareza nossa análise. A postagem iniciadora do mesmo L1/E1 (@JYanomam), agora com postura enunciativa de acordo, possibilita olhar para a interatividade e para a atribuição de PDV em uma faceta oposta. Por sua vez, na postagem de 20 de janeiro de 2023, o L1/E1, @JYanomami, utiliza um tom mais brando, de apresentação da visita interministerial de emergência do então presidente Lula e da Ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, em terra Yanomami:

Exemplo 3 - Postagem iniciadora de 20 de janeiro de 2023



Fonte: @JYanomami no X.

A postagem iniciadora se organiza com uma imagem de Lula e Sônia Guajajara sorrindo, com os braços levantados em sinal de apoio, ali já emergindo o PDV de L1/E1 agora em tom de “esperança”. Junior Yanomami faz ainda um comentário da própria postagem iniciadora mencionando que “o Presidente viu extrema urgência e necessidade de adentrar o Território Yanomami e acompanhar de perto a situação de vulnerabilidade dos Povos Yanomami”, usando a imputação de PDV de e2, Lula. O texto inicial resultou, até o momento da captura de tela, em 48 compartilhamentos e 262 reações/curtidas, com níveis de interatividade menores se comparados à postagem de 2022, possivelmente devido ao sentimento de esperança alimentado em relação à valorização das comunidades indígenas logo no início do mandato de Lula. Lembramos, como informação adicional, que no ato de posse, o candidato eleito em 2023, num ato simbólico, subiu a rampa presidencial junto com oito representantes de grupos sociais, entre estes, o líder indígena cacique Raoni. Isso indica haver aqui uma fusão heterodialógica das instâncias de validação do PDV de L1/E1 com o de e2, de forma implícita, o contexto de uso do recorte da notícia mostra também um acordo ao termos ou levarmos em consideração todo esse contexto.

Destacamos o comentário 17 em que o locutor se utiliza do recurso tecnolinguageiro de inserção de *links* para outros ecossistemas para divulgar o site do Conselho Indigenista Missionário, que apresenta dados sobre o apoio dos governos recentes brasileiros à demarcação indígena:

Exemplo 4 - Comentário 17 na postagem de 20 de janeiro de 2023



Fonte: @JYanomami no X.

Os números divulgados nesse site destacam a pouca adesão à demarcação de territórios indígenas por parte do governo Lula em relação aos governos Fernando Henrique Cardoso e Collor, que demarcaram mais terras durante seus mandatos. Nesse comentário, o enunciador digital se vale da dimensão compósita e relacional da escrita digital para alimentar a discussão com seu PDV, mas evita o tom agressivo e provocador de conflitos. No comentário, L1/E1 se coloca em um aparente desacordo em relação ao PDV de @JYanomami, “Daqui uns dias vcs serão esquecidos outra vez... Infelizmente a política é assim. Cheia de políticos inescrupulosos que não tem empatia”. Partindo do tom de esperança da postagem iniciadora, esse L1/E1 faz uma PEC quanto aos descaminhos da política e da falta de continuidade dos programas, tendo em vista seu olhar sobre os movimentos em torno de interesses próprios de aliados aos governos de direita ou esquerda.

Como vemos, o ecossistema digital permite a existência da atribuição de responsabilidade enunciativa em uma perspectiva mais ampla, no sentido da investigabilidade da informação, aqui acompanhada da dêixis textual “acompanhe nesta matéria para saber da verdade oculta”. Segundo Paveau (2021), há um tipo de enunciador nomeado segundo seus comportamentos linguageiros *online*, o que poderíamos incluir o uso da # e da @, e também

nas palavras da autora, um tipo de discurso organizado a partir de possibilidades sociotécnicas do meio digital, ou seja, teríamos a emergência de um enunciador digital.

O enunciador digital Junior Yanomami, em suas produções textuais nativas, utiliza técnicas para imputar PDV a outros enunciadores/discursos sociais já conhecidos, como o apoio à demarcação e a preservação de terras indígenas, e se ancora, em seus tecnotextos, em outros aspectos discursivos, como o fato de ser um representante do povo Yanomami, que atua como presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e da Associação Yanomami do estado de Roraima/Brasil. Como colocamos anteriormente, esse fato faz com que sua marcação resvale em uma espécie de atribuição de fala. Com isso, o L1/E1 busca validar seus PDV, gerando frente de adesão mesmo que não faça uso da imputação a outros I2/e2 ou mesmo e2.

Na análise, percebemos que a escolha por determinados tipos de sistemas semióticos (imagéticos estáticos ou dinâmicos), o uso de determinadas *hashtags* e a marcação de perfis específicos, além da inserção de *links* relacionados ao tema discutido e o tom (mais ou menos inflamado) dos textos verbais que compõem as postagens observadas revelam o uso de recursos de interatividade, que aumentam, portanto, o engajamento ativo dos interlocutores, para a construção de pontos de vista diferentes em relação à problemática da Terra Yanomami. Na postagem de 2022, final do governo de extrema direita de Bolsonaro, percebemos um tom de denúncia e indignação evidente tanto no texto inicial quanto nos comentários observados, o que contrasta com o caráter de esperança, do início do governo progressista de Lula, observado na postagem de 2023.

Considerações finais

O texto nativo digital é, por excelência, escorregadio, volátil e, ao mesmo tempo, traz certos ganhos às atividades interacionais humanas, como o encurtamento de distâncias, a sincronicidade das trocas e a alta transmissibilidade dos conteúdos que direcionam os sentidos em um modo diferente de produção. Os tecnotextos também despertam outras questões relacionadas ao seu ecossistema, como a falta de controle sobre a circulação e conservação dos enunciados, bem como a deslinearização e/ou outros efeitos de ordem interativa como a coautoria (homem ou máquina) e novos percursos de leitura (Paveau, 2021).

Ao se apropriar desse formato da tecnodiscursividade, observamos que os sujeitos encontram novas maneiras de se expressar e efetivar seu discurso, organizando-os conforme suas intenções como também segundo os recursos tecnológicos que esses ambientes permitem. Nesses limites, nosso objetivo de problematizar os efeitos de interatividade, promotores de eficiência discursiva, permitiram corroborar com a observação de grande incidência dos elementos multissemióticos e tecnológicos como efeitos argumentativos na construção de PDVs e no gerenciamento enunciativo em postagens e comentários em um ecossistema como o X. Isso revela o amplo efeito que esse tipo de ambiente de interação pode provocar na disseminação de informação ou mesmo na condução de frentes de adesão, próprias às sociedades na atualidade.

Pudemos observar como as argumentações a respeito da crise humanitária na terra indígena Yanomami (Estado de Roraima) possibilitaram formas de gerenciamento dos PDVS em postagens nos dois regimes políticos e de que maneira essa gestão possibilitou certos engajamentos e outras posturas enunciativas no ambientes on-line. As instâncias acionadas mostram seguir parte da lógica discursiva presente nesses dois momentos políticos, assim como uma argumentação marcada pela modalidade patêmica proposta em dois pólos: pedido de socorro/esperança por mudanças. As análises permitiram observar que essa ancoragem de PDVs antagônicos figuram parte da realidade das minorias que são conduzidas quase sempre por interesses alheios e/ou políticos que nada ou pouco se relacionam com suas emergências.

Este estudo, de caráter observacional/explicativo, a partir de uma perspectiva linguística, buscou evidenciar, a partir de uma análise textual/discursiva que, nesses ecossistemas digitais, os recursos de ordem tecnolinguageira (*links*, imagens, novos tópicos, *hashtags*) contribuem de forma significativa para evidenciar/conduzir a argumentação e a própria interatividade/participação ativa na construção dos PDVs ou das frentes de adesão. O uso da noção de enunciador digital, instância nascida nas redes, mostrou-se também uma instância onde os PDVs parecem ser gerados a partir dos recursos tecnolinguageiros. Mesmo que essa aproximação não tenha sido realizada no seio da Análise do Discurso Digital, foi possível observar que ela contribui para a identificação de posturas enunciativas bem como aos processos de construção de sentidos nos textos. Mesmo que outros estudos sejam necessários para observar melhor a complexidade dessa aproximação, tanto na escrita digital quanto na enunciação, essa instância, que marcamos como E1 nos posts analisados, revela-se ser origem de PDVs juntos à complexidade composicional desses textos.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **La linguistique textuelle** : introduction à l'analyse textuelle des discours. Paris: Armand Colin, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; MUNIZ-LIMA, Isabel. A construção referencial em compósitos de gêneros na mídia Facebook. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2328, p. 1-21, set.-dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22168/2237-6321-32328>

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. **Linguística Textual**: conceitos e aplicações. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Referenciação. In: **Estudos do discurso**: conceitos fundamentais. Organização Tânia Maris de Azevedo, Valdir do Nascimento Flores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

CIULLA, Alena; SILVA, Ananias Agostinho; PINTO, Rosalice; CORTEZ, Suzana Leite. Textualidade digital e enunciação: os comentários de webnotícias. **Linha D'Água**: São Paulo, v. 37, n. 1, p. 105-127, jan.-mar., 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v37i1p105-127>

CORTEZ, Suzana Leite; CATELÃO, Evandro de Melo. Argumentação emocionada em uma carta e em uma postagem do Instagram. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. esp., e2422, p. 116-134, out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22168/2237-6321-12esp2422>

COSTA, Dalete de Castro Braga. **Intertextualidades estritas e amplas na tecnodiscursividade**. 2023. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2023.

DALDEGAN, Milian Cercal. **@ludomagalu**: uma análise sobre a construção do ethos em tecnodiscursos no Instagram. 90f. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, 2023.

DUARTE, Antonio Lailton Moraes; MUNIZ-LIMA, Isabel. Os discursos nativos digitais e o ensino de Língua Portuguesa. In: SCHÜTZ, J. A. et al. (org.) **Um olhar sobre a educação contemporânea**: abrindo horizontes, construindo caminhos. Cruz Alta: Ilustração, 2020, p. 269-279.

DUARTE, Antonio Lailton Moraes; MUNIZ-LIMA, Isabel. Análise do discurso digital: questões teóricas e práticas. In: PAIVA, F. J. O.; SILVA, E. D. (org.) **Estudos da linguagem**: interfaces na linguística, semiótica e literatura em perspectiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

FERNANDES, Jessica Oliveira. **As redes referenciais na construção do efeito de sentido impolido em comentários do Twitter**. 2023. Tese em andamento (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

GLÜCK, Eduardo Paré. **A heterogeneidade tecnoenunciativa em um conjunto de tuítes reunidos pela hashtag #divulgaçãocientífica**. 176f. 2024. Tese de Doutorado (Doutorado em

Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2024.

GLÜCK, Eduardo Paré; GIERING, Maria Eduarda. Discurso digital e divulgação científica no Twitter: análise da heterogeneidade tecnoenunciativa em tuíte reunido pela hashtag #divulgaçãocientífica. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 86-104, jan.-mar. 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v37i1p86-104>

GONÇALVES, Matilde; MUNIZ-LIMA, Isabel. Tecnodiscurso, interatividade e suporte na mídia Instagram. **Calidoscópico**, v. 19, n. 3, p. 306-319. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.193.01>

LIMA, Maria Verônica Monteiro; MUNIZ-LIMA, Isabel; MARTINS, Mayara Arruda. Dêixis social em rede como estratégia para interatividade em compósito de gênero no Instagram. **Revista Linguística**, v. 19, n. 2, p. 201-218, maio-ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2023.v19n2a61092>

MARTINS, Mayara Arruda. **Tecnotextualidade e campo dêitico digital**: análise de aspectos interacionais e enunciativos. 163f. 2024. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2024.

MOIRAND, Sophie. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradutores Fernando Curtti Gibin & Julia Lourenço Costa. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41. Disponível em: <https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/826>. Acesso em: 3 maio 2024.

MONTE, Michèle. Entre auteur et locuteurs, l'énonciateur textuel : concept inutile ou figure-clé ?, **Argumentation et Analyse du Discours** [En ligne], n. 31, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/aad>.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Linguística textual e interação digital**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

MUNIZ-LIMA, Isabel; CATELÃO, Evandro. #8dejaneiro: interatividade e argumentação em práticas tecnodiscursivas no Twitter. In: SILVA JUNIOR, S. N.; SILVA, E. B.; SOUZA, D. G. (org.). **As múltiplas dimensões das letras**. Arapiraca, AL: Eduneal, 2023.

MUNIZ-LIMA, Isabel; CATELÃO, Evandro de Melo; PINTO, Rosalice. Orientação argumentativa, referenciação e interatividade em tuítes sobre o Projeto de Lei (PL) 2630. **Revista da Anpoll**, v. 54, n. 1, e1898, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1898>

MUNIZ-LIMA, Isabel; GLÜCK, Eduardo Paré; GONÇALVES, Matilde. Tecnodiscursividade, divulgação científica e letramento digital no ecossistema Twitter: análise de estratégias tecnolinguageiras no perfil @mellziland. In: SOUTO MAIOR, R. C.; BORGES, L. A. O.; ZACCHI, V. J. (org.). **Estudos na Linguística Aplicada**: discursos e formação docente. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Tradutores Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

RABATEL, Alain. **Pour une lecture linguistique et critique des médias** : empathie, éthique, point(s) de vue. Limoges: Lambert-Lucas, 2017.

RABATEL, Alain. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée. **Langue Française**, n. 162, p. 71-87, 2009. DOI: <https://doi.org/10.3917/lf.162.0071>

TARROW, Sidney. **Power in Movement**: Social Movements, Collective Action and Politics. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Recebido em: 10 de julho de 2024

Aceito em: 14 de outubro de 2024